



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**VIVÊNCIAS EM *SETTING*: PERSPECTIVAS DE PROFISSIONAIS DE
ORIENTAÇÃO PSICANALÍTICA E DE PARTICIPANTES DE PROCESSOS
GRUPAIS ON-LINE**

Gabriel Siqueira Terra

UBERABA - MG
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO

Gabriel Siqueira Terra

Vivências em *setting*: perspectivas de profissionais de orientação psicanalítica e de participantes de processos grupais on-line

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Psicologia e Saúde

Orientador: Prof. Dr. Tales Vilela Santeiro

UBERABA - MG

2025

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

T311v Terra, Gabriel Siqueira
Vivências em *Setting*: perspectivas de profissionais de orientação
psicanalítica e de participantes de processos grupais *on-line* / Gabriel Siqueira
Terra. -- 2025.
31 f. : tab.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) -- Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2025
Orientador: Prof. Dr. Tales Vilela Santeiro

1. Psicanálise. 2. Psicologia clínica. 3. Psicoterapia de grupo. 4. Telessaúde mental. I. Santeiro, Tales Vilela. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 159.964.2



Ministério da Educação
Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Uberaba - MG

ATA DE DEFESA E QUALIFICAÇÃO

Programa de Pós-Graduação:	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA				
Evento:	DEFESA DE DISSERTAÇÃO				
Data:	03/12/2025	Início em:	16h00	Término em:	17h55
Número de matrícula do Estudante:	2023.2036.1				
Nome do aluno:	GABRIEL SIQUEIRA TERRA				
Título do trabalho:	Vivências em <i>setting</i> : perspectivas de profissionais de orientação psicanalítica e de participantes de processos grupais on-line				
Área de concentração:	PSICOLOGIA				
Linha de Pesquisa:	PSICOLOGIA E SAÚDE				
Projeto de pesquisa vinculado:					

A Banca Examinadora foi designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, assim composta dos Professores Doutores: Maíra Bonafé Sei (Universidade Estadual de Londrina), Rodrigo Sanches Peres (Universidade Federal de Uberlândia) e Tales Vilela Santeiro (Universidade Federal do Triângulo Mineiro), Orientador do Mestrando. A Sessão de Defesa ocorreu de maneira remota, por meio da plataforma Google Meet. Ao iniciar os trabalhos, o Presidente da Mesa, Dr. Tales Vilela Santeiro, apresentou a Comissão Examinadora e o Mestrando, agradeceu a presença do público e concedeu a palavra ao Discente para a exposição do seu Trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta transcorreram conforme as normas do Programa. A seguir, o Presidente concedeu a palavra, pela ordem, sucessivamente, à Examinadora e ao Examinador, que passaram a arguir o Mestrando. Concluída a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca se reuniu e atribuiu o resultado final, considerando a Dissertação:

APROVADA

Esta Defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFTM.

Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada, dela sendo lavrada a presente ata, que foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **TALES VILELA SANTEIRO, Professor do Magistério Superior**, em 05/12/2025, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) e no art. 34 da [Portaria Reitoria/UFTM nº 215, de 16 de julho de 2024](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maíra Bonafé Sei, Usuário Externo**, em 05/12/2025, às 16:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) e no art. 34 da [Portaria Reitoria/UFTM nº 215, de 16 de julho de 2024](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Sanches Peres, Usuário Externo**, em 06/12/2025, às 18:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) e no art. 34 da [Portaria Reitoria/UFTM nº 215, de 16 de julho de 2024](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.uftm.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1659968** e o código CRC **778FCCB2**.

Dedicatória

Dedico esse trabalho à memória de meus avós – Janyra Pereira de Siqueira, João Elias de Siqueira, Alita Bastos Terra e Arnaldo Terra –, cujo afeto, carinho e cuidado foram contribuições essenciais na constituição de quem sou hoje.

Deles, ouvi causos. Ganhei espaço em seus olhares e colos (não é, Vô João?). Pude brincar no quintal de seus abraços e cheiros (Vó Nyra e Vó Alita). Aprendi que “o Homem morre é de atrevido (...)” (pois é, Vô Nadim).

Agradecimentos

À minha mulher, Alanys Alves Cardoso Terra, por todo o amor, companheirismo e paciência em me acompanhar nessa jornada. Sem sua presença, esta dissertação não existiria.

Aos meus pais, Simone Elias de Siqueira Terra e Alcir Humberto Terra, pelo amor, confiança – mesmo quando o que havia era incerto – e estímulo dado a cada passo desde a minha infância.

Ao meu orientador, Tales Vilela Santeiro, por gentilmente ter possibilitado tantas oportunidades de aprendizado, abrindo tantos caminhos. Amigo, atento e cuidadoso. Este trabalho é apenas um dos frutos dessa boa parceria.

Aos integrantes do Grupo de pesquisa *Clínica Psicanalítica: Brincar Aprender Pensar*, pelas constantes e valorosas trocas. Especialmente, à Beatriz Tavares Arantes, por tamanha sensibilidade no trabalho grupal que desenvolvemos (segundo estudo).

Às *psis*, Rita de Cássia Oliveira Naves e Patrícia dos Santos Coppola, que durante o percurso destas pesquisas me acolheram em seus divãs.

À Prof^{ra}. Dr^a. Máira Bonafé Sei e ao Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres, pelos diálogos enriquecedores quando da qualificação do projeto da dissertação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo essencial apoio financeiro que viabilizou estas pesquisas.

A cada um dos participantes, pela generosidade de suas partilhas, fundamentais para a realização deste trabalho.

O que ofereço nas próximas páginas é singelo... apenas uma gota, se proporcional ao que me foi oferecido. Por isso, agradeço.

Sumário

Resumo	07
Abstract	09
Apresentação da Dissertação	11
Estudo 1	14
Resumo	14
Estudo 2	17
Resumo	17
Considerações Finais da Dissertação	20
Referências da Dissertação	22
APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semidirigida (Estudo 1)	29
APÊNDICE B - Questionário sociodemográfico “Fale um pouco sobre você” (Estudo 2)	30

Resumo

Freud indicou em *Caminhos da terapia psicanalítica*, texto de 1919, a necessidade de uma abertura da psicanálise a ampliações clínicas. Desde então, diversas discussões foram ensejadas e o que se vê na atualidade é que os profissionais psis seguem atuando nas clínicas privadas, mas também têm trabalhado em diversos outros contextos – reflexos da dimensão viva da clínica psicanalítica. Dessa maneira, ponderações sobre os conceitos de *setting* (enquadre) terapêutico e a sua aplicabilidade a diferentes conjunturas devem seguir em relevância. É possível compreender o *setting* como um conjunto de condições que permitem o desenvolvimento de um processo terapêutico, possibilitando a investigação e a transformação de fenômenos psíquicos em determinado cenário. Deve-se ter em conta seus aspectos externos (espaço, honorários e tempo, por exemplo) e seus aspectos internos que dizem dos estados mentais que se passam durante os processos clínicos. A considerar que tais compreensões perpassam processos formativos e de identificação profissional e que, por vezes, profissionais são “retirados” de seus lugares de atuação usuais; estudos sobre o enquadre, portanto, demandam continuidade. Nesse sentido, esta Dissertação teve por objetivo geral investigar as compreensões e as vivências de *setting* a partir das perspectivas próprias dos envolvidos em práticas psicoterapêuticas, para tanto dois estudos foram estruturados. O Estudo 1 investigou como psicoterapeutas de orientação psicanalítica compreendem e vivenciam o conceito de *setting* em contextos que extrapolam a clínica *standard*. Baseou-se em entrevistas com nove psicólogos atuantes em diferentes cenários clínicos, analisadas conforme a técnica de análise de conteúdo clínico-qualitativa. Os participantes relataram uma transição de visões rígidas e idealizadas para compreensões mais flexíveis, que valorizam o *setting* como atitude interna do analista; destacaram a importância da postura ética, da escuta e da presença psíquica como sustentáculos do processo terapêutico. Nas adaptações ao trabalho em instituições e ambientes virtuais, os profissionais enfrentaram desafios como falta de privacidade, interferências externas e articulações com

equipes; estratégias de manejo, como acordos com pacientes e colegas, além da criação simbólica de espaços de escuta, foram fundamentais para preservar a função psicanalítica do *setting*. Foi observado o *setting* como um dispositivo vivo e relacional, que exige constante reinvenção diante das realidades contemporâneas, cuja sustentação implica em uma construção ética e simbólica que permite a continuidade dos trabalhos clínicos em diferentes cenários. O Estudo 2 investigou os efeitos de um grupo operativo realizado em enquadre remoto no contexto pandêmico. Como campo de atuação em expansão, investigações referentes aos grupos on-line são ainda incipientes e têm demandado ponderações; além disso, estudos de acompanhamento se mostram ferramentas relevantes na investigação da efetividade de práticas desenvolvidas. Três anos distante da primeira intervenção, a (re)composição de um grupo operativo foi utilizada como método de coleta de dados; seis estudantes de um curso de graduação em psicologia aceitaram participar de três novas sessões, realizadas de forma síncrona. Apesar de desafios relacionados à adesão e assiduidade, o grupo foi espaço de reconexão e reflexão sobre a experiência anterior; possibilitou ainda a emergência de novas demandas relacionadas ao contexto atual das integrantes. Concluiu-se que a nostalgia e a confiança em retomar o *setting* grupal remoto reforçam a relevância desses dispositivos como ferramentas de suporte emocional e de construção de vínculos. Em síntese, ambos os estudos revelam a potência de trabalhos psicanaliticamente orientados (vivos e adaptáveis), capazes de responder às demandas de um mundo em constante transformação. A flexibilidade do *setting* psicanalítico e a capacidade de promover conexões significativas através das práticas de grupos operativos remotos foram contribuições centrais.

Palavras-Chave: Psicologia Clínica. Psicanálise. Psicoterapia de Grupo. Telessaúde Mental. Saúde.

Abstract

In *Paths of Psychoanalytic Therapy* (1919), Freud pointed to the need for an opening of psychoanalysis to clinical expansions. Since then, numerous discussions have emerged, and what can be observed today is that mental health professionals continue to work in private practice but have also expanded their work to a variety of other contexts – reflections of the living dimension of the psychoanalytic clinic. Thus, considerations regarding the concepts of the therapeutic setting and its applicability to different circumstances remain highly relevant. The setting can be understood as a set of conditions that enable the development of a therapeutic process, allowing for the investigation and transformation of psychic phenomena within a given context. It encompasses both external aspects (such as space, fees, and time) and internal aspects, which concern the mental states that unfold during clinical processes. Considering that such understandings permeate formative processes and professional identification and that, at times, professionals are “removed” from their usual places of practice; studies on the setting demand ongoing attention. In this sense, the present dissertation aimed to investigate the understandings and experiences of the setting from the perspectives of those involved in psychotherapeutic practices. To that end, two studies were conducted. Study 1 investigated how psychotherapists of psychoanalytic orientation understand and experience the concept of setting in contexts that go beyond the standard clinical framework. It was based on interviews with nine psychologists working in diverse clinical settings, analyzed through the clinical-qualitative content analysis method. Participants reported a transition from rigid and idealized views to more flexible understandings that value the setting as an internal attitude of the analyst. They highlighted the importance of ethical stance, listening, and psychic presence as pillars of the therapeutic process. In adapting their work to institutional and virtual environments, professionals faced challenges such as lack of privacy, external interferences, and coordination with teams; management strategies, including agreements with patients and colleagues, as well as the

symbolic creation of spaces for listening, proved fundamental to preserving the psychoanalytic function of the setting. The setting was thus observed as a living and relational device that requires constant reinvention in the face of contemporary realities, whose maintenance implies an ethical and symbolic construction that enables the continuity of clinical work in different contexts. Study 2 investigated the effects of an operative group conducted in a remote setting during the pandemic context. As an expanding field of practice, research on online groups is still incipient and requires further consideration; moreover, follow-up studies have proven to be relevant tools for investigating the effectiveness of such practices. Three years after the first intervention, the (re)composition of an operative group was used as a data collection method; six undergraduate psychology students agreed to participate in three new synchronous sessions. Despite challenges related to attendance and adherence, the group served as a space for reconnection and reflection on the previous experience and allowed new demands to emerge, related to the participants' current contexts. It was concluded that the nostalgia and trust in resuming the remote group setting reinforce the relevance of such devices as tools for emotional support and bond formation. In summary, both studies reveal the vitality of psychoanalytically oriented work (alive and adaptable), capable of responding to the demands of a constantly changing world. The flexibility of the psychoanalytic setting and its capacity to foster meaningful connections through remote operative group practices were central contributions.

Keywords: Clinical Psychology. Psychoanalysis. Group Psychotherapy. Telemental Health. Health.

Apresentação da Dissertação

A proposta da escrita de uma apresentação para este trabalho suscita em mim um reencontro com memórias. Desse modo, o que será exposto nas próximas páginas ainda reverbera e tem suas raízes em minhas experiências pessoais e no que vivenciei a partir da minha graduação em psicologia.

Desde cedo na universidade, a psicanálise apareceu aos meus olhos como uma área de grande interesse e identificação – em especial, no que dizia respeito ao desejo por atuar clinicamente. A princípio, naquele contexto, tive contato com conhecimentos que eram transmitidos a partir de determinadas disciplinas curriculares; no entanto, a realização dos primeiros atendimentos somente aconteceria mais tarde no curso, nos estágios. Para lidar com a lacuna entre aspectos teóricos e práticos nesse processo de aprendizagem, envolvi-me em grupos de estudo, pequenos cursos e leituras independentes que pudessem me aproximar, de alguma forma, da experiência clínica.

Durante o momento pandêmico (ano de 2020), passei a trabalhar na coautoria de um texto que buscava estabelecer diálogo entre teorias psicanalíticas e uma obra fílmica, tomando o que era retratado nesta como um “caso clínico”. Esse trabalho se encontra publicado como capítulo de livro sob o título *Setting em Terapia Intensiva: laboratório para o ensino da teoria da técnica psicanalítica* (Terra et al, 2023) e, para além de uma certa aproximação deste estudante com sua área de atuação almejada, despertava a apreciação pelo que seria possível construir na interface entre ensino e pesquisa. Dava-me conta de que a *minha escrita* também poderia abrir janelas para *conversar com o mundo*, refletir e construir conjuntamente.

A temática que mobilizava minha atenção, desde então, estava relacionada ao *setting* (ou enquadre). Suas compreensões serão mais profundamente abordadas ao longo desta dissertação, porém, em linhas gerais, ele se trata do conjunto de condições e procedimentos que organizam e possibilitam a realização de processos orientados a partir da psicanálise

(Zimerman, 2014). Cabe considerar que tais fatores perpassam os processos formativos e de identificação profissional, especialmente daqueles profissionais em início de carreira – com maior tendência a questionarem seus papéis e suas funções nos ambientes em que são chamados a atuar.

Meu próximo passo foi investigar sobre como psicoterapeutas de orientação psicanalítica lidaram com a emergência dos atendimentos remotos e as questões que atravessavam essa forma de atuação. Essa pesquisa aconteceu no contexto de uma Iniciação Científica, ao final de minha graduação, e seus achados podem ser acessados no artigo *Experiências On-line de Psicoterapeutas de Orientação Psicanalítica Durante a Pandemia* (Terra et al, 2024). Assim como no trabalho anterior, esse estudo refletia preocupações que eram vividas no momento de minha transição para a vida profissional e que poderiam representar também questões que eram experienciadas por outros profissionais na transição para os atendimentos on-line.

É importante mencionar que, no ano de 2021, ingressei no grupo de pesquisas *Clínica Psicanalítica: Brincar Aprender Pensar*, coordenado pelo meu orientador. Esse espaço foi fundamental no que diz respeito a troca de experiências com outros pesquisadores (colegas), na expansão de meu olhar sobre a diversidade dos trabalhos clínicos – incluindo as práticas grupais – e o fomento a seguir me colocando também no lugar de pesquisador. Dessa forma, graduado no ano de 2023, pleiteei meu ingresso no mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFTM com a disposição de aprofundar os estudos e as contribuições sobre o enquadre em sua diversidade.

Portanto, nesta dissertação, apresento dois trabalhos. O primeiro, nomeado *Settings Vivenciados por Psicoterapeutas de Orientação Psicanalítica: para Além do Standard*¹, trata-se de estudo qualitativo que buscou investigar como psicoterapeutas de orientação psicanalítica compreendiam e vivenciaram o enquadre em contextos que extrapolavam a

1 Submetido como artigo científico à *Revista Psicologia: Teoria e Prática*.

clínica tradicional. Esse objetivo leva em consideração a dimensão viva e a pluralidade da(s) clínica(s) de orientação psicanalítica, que se expande(m) para espaços como as instituições, os hospitais, as escolas, a virtualidade, dentre outros. A entrevista semidirigida foi a estratégia escolhida para a produção de dados, haja vista a possibilidade do apoio em um conjunto de questões previamente estruturadas, com abertura para que eu – como entrevistador – pudesse dialogar e associar com os entrevistados em uma atmosfera de colaboração conjunta (Turato, 2018).

O segundo estudo é intitulado *Acompanhamento dos efeitos de um grupo operativo on-line: ponte entre passado e presente*. Trata-se de um acompanhamento (follow-up) dos processos desenvolvidos no âmbito de uma pesquisa realizada anteriormente e objetivou investigar percepções e impactos do desenvolvimento do enquadre, a partir das vivências de participantes de grupos operativos on-line. Como campo de atuação que tem se avolumado, as investigações referentes aos grupos remotos é ainda incipiente e tem demandado ponderações sobre sua efetividade com diferentes públicos e questões abordadas (Weinberg, 2020a, 2020b, 2025). Dessa maneira, dado o afeto e a riqueza dos processos vivenciados na pesquisa originária, houve a (re)composição de um dos grupos operativos realizados; as participantes eram estudantes matriculadas em um curso de graduação em psicologia; e três novos encontros foram realizados na modalidade remota de forma síncrona.

A seguir cada um dos estudos poderá ser apreciado. Ao final de suas leituras, serão apresentadas as considerações finais desta dissertação.

Estudo 1

Settings* vivenciados por psicoterapeutas de orientação psicanalítica: para além do *standard

Lived settings by psychoanalytically oriented psychotherapists: beyond the standard

Resumo

Em 1919, Freud apontara a necessária abertura da psicanálise a ampliações clínicas, com adequações técnicas e maior alcance às camadas populares. Essa perspectiva anunciada no período entreguerras repercutiu e, ao longo dos anos, ensejou diversas discussões sobre a psicanálise, o desenvolvimento das psicoterapias de orientação psicanalítica e os contextos de inserção de cada uma delas. Fato é que, na atualidade, os profissionais psis têm sido chamados a trabalhar contextos diversos (equipes multiprofissionais em instituições; nos atendimentos a casais, famílias e grupos; nas práticas on-line; etc.). Não se pode, todavia, perder de vista os desafios oriundos dos novos limites que a clínica psicanalítica tem encontrado na contemporaneidade. Nesse sentido, considerando a dimensão viva e a diversidade da(s) clínica(s) de orientação psicanalítica, estudos sobre o enquadre demandam sempre continuidade e atualização. Este estudo objetivou investigar como psicoterapeutas de orientação psicanalítica compreendem e vivenciam o conceito de *setting* em contextos que extrapolam a clínica *standard*. Trata-se de pesquisa com abordagem qualitativa, de caráter exploratório e de corte transversal. Entrevistas semidirigidas com nove psicólogos, seis do gênero feminino e três do masculino, com idades entre 31 e 35 anos, experiência clínica média de 7,8 anos, de cidades interioranas de São Paulo e de Minas Gerais, foram realizadas on-line entre agosto e dezembro de 2024, com duração média de 50 minutos. Os cenários de suas atuações contemplavam os hospitais gerais ou psiquiátricos, os Centro de Atenção Psicossocial, as instituições de acolhimento e/ou de longa permanência, as instituições educacionais, o *home care* e as plataformas virtuais. A análise dos dados ocorreu conforme a

técnica de análise de conteúdo clínico-qualitativa, tendo como base o referencial teórico psicanalítico que trata sobre *setting*. A princípio, os depoimentos perpassaram aspectos relacionados aos espaços físicos e à estrutura material das práticas; partiam de suas referências externas para dar contorno e revelar as suas experiências. Eram mencionadas atuações em ambientes como pátios, à beira dos leitos, em corredores, em jardim, embaixo de árvores e, até mesmo, nos espaços virtuais. Embora os entrevistados abordassem a atuação em espaços diversos, o consultório clínico *standard*, mobiliado com poltronas e divã, foi constantemente tomado como ponto de partida e referência fundamental; era a partir dessa localização se tornava possível pensar as definições *standards* e suas necessárias desconstruções ou reconstruções frente às demandas de maior flexibilidade. Todos mencionaram, direta ou indiretamente, o enquadre interno – a internalização do *setting* era entendido como o “material” necessário para lidar com as particularidades de ambientes vistos como desafiadores, reforçando a demanda por uma “boa” base psíquica. Os entrevistados relataram que suas compreensões a respeito do enquadre foram modificadas ao longo do tempo: houve a transição de uma visão mais rígida e idealizada para uma maior flexibilidade. Os fatores envolvidos nesse processo foram as vivências práticas; as experiências de supervisão e análise pessoal; as trocas com pares, colegas de trabalho e grupos de estudo apareceram como elementos de troca e aprendizado coletivo; a interação com pacientes foi mencionada como promotora de inquietações e mudanças; e a leitura crítica de autores clássicos. Observou-se que a tentativa de reprodução literal de um modelo *standard* a contextos diversos – sem considerar suas especificidades – é inviável ou mesmo inadequada. Faz-se necessária a compreensão de processos institucionais, sociais e históricos que permeiam os campos de atuação nos quais o profissional se encontra inserido – não se trata de um mero ajuste da psicanálise a diferentes meios, mas de uma inserção que possibilite seu enriquecimento e legitimação, a pensar também no diálogo com outros campos dos saberes. Não haveria um impeditivo para que o profissional de orientação psicanalítica

atue para além dos consultórios, mas, sim, uma abertura para ponderarmos sobre a plasticidade do enquadre. Desse modo, a pluralidade dos cenários narrados levava a questionar como encontrar meios “adequados” para as práticas em ambientes que não são “preparados” como os da clínica *standard*. Nesses contextos, por conta das estruturas (físicas ou não) disponibilizadas nesses contextos, geralmente a privacidade vivida era mínima e os atendimentos eram realizados a partir da ótica de certa vulnerabilidade pelos profissionais. Ajustes foram relatados, como buscar e organizar meios que pudessem dar melhor contorno às práticas; orientar os pacientes para a criação de um espaço funcional nas práticas de atendimentos remotos; dialogar e respeitar o momento do paciente, a considerar que, por vezes, essa pessoa está inserida (ou internada) em contextos nos quais não possui o controle sobre os procedimentos que sobre ela são realizados, ajudando-os também a sustentar um espaço subjetivo; além de negociações com equipes multiprofissionais e uma abordagem colaborativa para proteger o enquadre. Diante da “convocação” dos profissionais psis para atuar em colaboração, faz-se necessário pensar as conexões da psicanálise com outras atividades de cuidado. Em síntese, portanto, os entrevistados evidenciaram que seus entendimentos transcendiam a materialidade dos espaços físicos e se configuravam, também, a partir da dinamicidade com os aspectos internalizados. As entrevistas descortinaram experiências dos participantes com práticas que eram sentidas com maior vulnerabilidade, porém vivenciadas ainda assim como possibilidades. Elas servem como ilustrações que nos permitem ratificar a capacidade de expansão da psicanálise para além dos consultórios, mas não a partir de mera reprodução de um modelo clínico que poderia ser compreendido como *standard*. As limitações do estudo incluem a concentração geográfica dos participantes (Sudeste do Brasil), sugerindo a necessidade de futuras pesquisas que incorporem outras regiões e perspectivas, incluindo as dos pacientes.

Palavras-chave: Psicologia Clínica. Psicanálise. Teoria Psicanalítica. Psicoterapia. Consulta Remota.

Estudo 2

Acompanhamento de um grupo operativo on-line: ponte entre passado e presente

Follow-up of an online operative group: a bridge between past and present

Resumo

As práticas de psicoterapia em grupo vêm sendo empregadas e desenvolvidas de formas significativas ao longo de mais de um século. Como um trabalho construído a muitas mãos, contribuições de autores de distintas orientações teóricas e técnicas se somam, baseadas em diferentes contextos de atuação e com importante diversidade de públicos alcançados. Longe de serem práticas fechadas a novas compreensões, as demandas pela ampliação de seus horizontes continuam presentes – exemplo recente foi o aumento das intervenções e das pesquisas relacionadas a grupos realizados em enquadre on-line, impulsionadas significativamente a partir do contexto da pandemia de COVID-19. Assim, a transição para o ambiente virtual não apenas ampliou as possibilidades de acesso às grupoterapias, mas também tem exigido reflexões cuidadosas sobre os fatores que podem comprometer seu desenvolvimento. Isso reforça a necessidade de um manejo clínico atento e de uma produção de conhecimentos que acompanhe as particularidades dessas práticas. Uma ferramenta relevante de investigação da efetividade dos tratamentos tem sido a consideração da continuidade dos resultados após o final das práticas psicoterápicas. Nesse sentido, as práticas de *follow-up* ou de acompanhamento têm sido consideradas estratégias úteis para avaliação da manutenção dos resultados e da efetividade das intervenções, em diversas formas de psicoterapia. Neste estudo, cujo objetivo é investigar as percepções e os impactos do desenvolvimento do enquadre, a partir das vivências daqueles que se encontraram na posição de participantes de grupos operativos on-line, propomos também uma inovação no campo da

investigação qualitativa: o acompanhamento de pessoas que constituíram um grupo operativo na modalidade on-line. Trata-se de pesquisa-ação de abordagem clínico-qualitativa, de caráter exploratório. Grupos operativos na modalidade on-line foram realizados de forma síncrona, voltados ao ensino-aprendizagem – como uma forma de acompanhamento dos processos desenvolvidos no âmbito da pesquisa “Constituir-se universitário(a) durante e após a pandemia de COVID-19: grupos operativos online”, três anos após a sua finalização em 2021. As participantes que aceitaram a nova proposta foram seis estudantes, autoidentificadas como mulheres cis, com idades entre os 22 e 27 anos, matriculadas em um curso de graduação em psicologia de uma universidade federal localizada no estado de Minas Gerais. Os trabalhos foram coordenados por dois psicólogos que atuaram como coterapeutas dos grupos operativos realizados no primeiro estudo; e contaram com a supervisão de um psicólogo clínico, professor com experiência em ensino, pesquisa e coordenação de grupos operativos. O referencial teórico dos processos grupais adotado foi inspirado pelos desenvolvimentos de Pichon-Rivière. Para além do recurso grupal, um questionário foi aplicado e continha questões que contemplavam informações sociodemográficas e de expectativas que as participantes apresentavam acerca da retomada de um trabalho em grupo. Três encontros de 90 minutos de duração foram realizados e videogravados através da plataforma Google Meet, em dezembro de 2024 – neste estudo, foram abordados dois dos três encontros realizados. A princípio abordam-se as expectativas envolvidas na (re)composição do grupo, a retomada do contato com as participantes da pesquisa originária e a organização dos encontros. Houve dificuldades relacionadas à adesão das participantes à proposta e à conciliação de horários, o que implicou na assiduidade delas. Diante de tal situação, refletiu-se a cerca da complexidade e das dificuldades envolvidas em reunir pessoas para um trabalho grupal – sem perder a esperança de que o grupo em estudo pudesse florescer. Passou-se então à realização dos encontros e, a partir do sentimento de nostalgia, e as participantes compartilhavam memórias do grupo como um espaço de acolhimento às inquietações que

foram vividas em um contexto de finalização da pandemia de Covid-19 e de transição do ensino remoto para o presencial. Elas sugeriam que aquela experiência grupal ofereceu não apenas um suporte imediato, mas reverberava a posteriori. Mesmo após o seu encerramento, a sensação de segurança que as acompanhava e determinada influência era percebida nos próprios interesses acadêmicos e profissionais era considerada nos diálogos grupais. Desse modo, as vivências compartilhadas evidenciavam os efeitos a longo prazo do processo grupal originário, bem como a importância das práticas grupais on-line do passado e do presente. Ademais, a confiança das participantes em retomar a aposta em um trabalho grupal pode ser considerado outro indício de sua relevância. O grupo de acompanhamento não foi somente oportunidade de acesso a lembranças, mas permitiu a emergência daquilo que era sentido como desafiador no momento vivido pelas participantes: a exaustão diante da rotina acadêmica, as frustrações com a instituição universitária, a dificuldade de encontrar espaços de cuidado e se permitir integrá-los, assim como a sensação de automatismo e de isolamento. O enquadre on-line, então, tornava-se espaço para viver e pensar a respeito da dificuldade de sustentar laços em uma sociedade que tem priorizado o desempenho individual e para investigar as possibilidades de “construir pontes” a partir de um dispositivo grupal. Apesar do desafio encarado com relação ao engajamento das participantes, compreende-se que o estudo de acompanhamento desenvolvido permitiu que os objetivos da pesquisa fossem alcançados. Houve a oportunidade de consolidação e reflexão sobre os impactos de intervenções grupais anteriores, tal como foi ambiente para a consolidação de novas vivências. Indica-se, porém, a necessidade de mais estudos que possam tanto aprofundar aspectos do *setting* grupal operativo remoto quanto explorar os efeitos dessas práticas, sendo pertinente abordar grupos realizados com públicos heterogêneos, em trabalhos estabelecidos a partir de diferentes tarefas.

Palavras-chave: Psicoterapia de Grupo. Psicanálise. Telessaúde Mental. Consulta Remota. Estudantes.

Considerações Finais da Dissertação

A presente dissertação intentou investigar, por meio de dois estudos complementares, as compreensões de *setting* a partir das perspectivas próprias dos envolvidos em práticas psicoterapêuticas. Abordou as maneiras como os profissionais *psis* construíram suas compreensões sobre o enquadre e como vivenciavam as questões que o envolviam em suas atuações, para além das práticas clínicas tidas como *standard*. Além disso, pesquisou as percepções e os impactos de processos grupais a partir do acompanhamento daqueles que se encontraram na posição de participantes de grupos operativos desenvolvidos em um enquadre on-line.

O primeiro estudo revelou uma construção processual e relacional do enquadre psicanalítico. Os profissionais entrevistados demonstraram uma transição de perspectivas rígidas para mais flexíveis, adaptadas às singularidades dos contextos de atuação. Os fatores envolvidos nesse processo foram a formação teórica continuada, a análise pessoal, a supervisão, a troca entre pares e a interação com pacientes, reforçando a importância do “tripé” de formação psicanalítica. A adaptação a “novos formatos”, como o uso de ferramentas virtuais (acelerado pela pandemia de Covid-19), tal qual o enfrentamento de desafios em diferentes espaços de trabalho, como interrupções e o atravessamento de profissionais de outras áreas do saber, evidenciaram a capacidade de expansão da psicanálise na articulação com as demandas da contemporaneidade.

O segundo estudo destacou os efeitos de intervenções grupais em um *setting* remoto. Apesar dos desafios relacionados à adesão e assiduidade, o grupo foi espaço de reconexão e reflexão sobre a experiência grupal anterior (vivida em 2021); e ainda possibilitou a emergência de novas demandas que estavam relacionadas ao contexto atual das participantes, no que dizia respeito à exaustão acadêmica, às frustrações relacionadas à instituição universitária e às dificuldades em sustentar laços em um contexto social que têm priorizado o individualismo. Ademais, sublinha-se que a nostalgia do grupo original e a confiança em

retomar o trabalho grupal reforçam a relevância de dispositivos grupais como ferramentas de suporte emocional e construção de vínculos.

Em síntese, ambos os estudos revelam a potência de trabalhos psicanaliticamente orientados (vivos e adaptáveis), capazes de responder às demandas de um mundo em constante transformação. A flexibilidade do *setting* psicanalítico e a capacidade de promover conexões significativas através das práticas de grupos operativos remotos, nesse sentido, são contribuições centrais. Contudo, recomendamos que futuras pesquisas ampliem a diversidade de contextos, de participantes, de configurações e tarefas grupais, dentre outros aspectos, explorando diferentes facetas envolvidas no que se pode entender por enquadre.

Referências da Dissertação

- Ab'Sáber, T. (2021). A clínica aberta e o analista grupo: Suas transferências e o comum. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 24, 501–511. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n4p501.1>
- Bastos, A. B. B. I. (2010). A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Psicólogo Informação*, 14(14), 160-169. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100010&lng=pt&tlng=pt
- Bleger, J. (2003). *Temas de Psicologia: entrevista e grupos* (2ª ed.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1979)
- Caetano, B. L., & Santeiro, T. V. (2022). Atendimento psicológico grupal: Experiências de usuários de serviços do Sistema Único de Saúde. *Vínculo*, 120–130. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=139473537012>
- Campos, R. T. O., & Val, M. D. D. (2024). Efeito de grupos de apoio entre pares na saúde mental de estudantes da saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 48(4), e108. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v48.4-2023-0065>
- Carvalho, C. R. D., & Santeiro, T. V. (2025). Mídias sociais e o processo saúde-doença em universitárias: Pensando grupos operativos online. *Psicologia USP*, 36, e220148. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e220148>
- Carvalho, P. J. P. (2015). Acoplamento de *settings*: O grupo na instituição. In C. C. Abud (Ed.), *A subjetividade nos grupos e instituições: Constituição, mediação e mudança* (pp. 157-177). Chiado.
- Costa, C. P., Bastos, A. G., Padoan, C. S., & Eizirik, C. L. (2017). Estudos clínicos em psicoterapia psicodinâmica: Uma revisão do *follow-up* das intervenções. *Contextos Clínicos*, 10(1), 48–59. <https://doi.org/10.4013/ctc.2017.101.04>
- Etchegoyen, H. (2007). *Fundamentos da técnica psicanalítica* (2ª ed.). Grupo A.

- Fernandes, B. S. (2021). Psicoterapia de grupo: Sua origem, seus caminhos. In T. V. Santeiro, B. S. Fernandes, & W. S. Fernandes (Orgs.), *Clínica de grupos de inspiração psicanalítica: Teoria, prática e pesquisa* (pp. 31-42). Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://bit.ly/clingrupos>
- Fernandes, M. I. A., & Hur, D. U. (2022). Psicanálise, grupo e teoria da técnica: Conselhos ao jovem coordenador de grupos. *Psicologia USP*, 33, e190078. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190078>
- Fernandes, W. J., & Santeiro, T. V. (2021). Proposta introdutória de classificação do trabalho grupal. In T. V. Santeiro, B. S. Fernandes, & W. S. Fernandes (Orgs.), *Clínica de grupos de inspiração psicanalítica: Teoria, prática e pesquisa* (pp. 53-66). Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://bit.ly/clingrupos>
- Figueiredo, L. C. (2020). A psicanálise e a clínica contemporânea: Uma introdução. In L. C. Figueiredo (Ed.), *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea* (3ª Ed., pp. 13-22). Escuta.
- Franco, W. de A. C., & Kupermann, D. (2020). Um lugar para pensar: Uma hipótese sobre o enquadre interno do psicanalista. *Jornal de Psicanálise*, 53(99), 59–74. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-58352020000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Freud, S. (2021). Caminhos da terapia psicanalítica (C. Dornbusch, Trad.), In *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Vol. 6. Fundamentos da clínica psicanalítica* (2ª ed., pp. 191-204). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1919)
- Garcia, L. M., Capellini, V. L. M. F., & Reis, V. L. (2020). Saúde mental na universidade: A perspectiva de universitários da permanência estudantil. *Colloquium Humanarum*, 167–181. <http://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3593>
- Han, B.-C. (2024a). *O espírito da esperança: Contra a sociedade do medo*. Vozes.

- Han, B.-C. (2024b). *Sociedade do cansaço* (3ª ed.). Vozes.
- Hegenberg, M. (2021). Enquadre/*setting*. In R. B. Levisky, M. L. Dias, D. L. Levisky (Orgs.), *Dicionário de psicanálise de casal e família* (pp. 139-144). Blucher.
- Heldt, E., Behenck, A. S., & Wesner, C. A. (2019). Psicoterapias em grupo. In: A. V. Cordioli, & E. H. Grevet, (Orgs.), *Psicoterapias: Abordagens atuais* (pp 282-297) (4ª ed.). Grupo A.
- International Psychoanalytical Association. (s.d.). *IPA - Inter-Regional Encyclopedic Dictionary of Psychoanalysis online*. Recuperado em agosto de 2025, de <https://online.flippingbook.com/view/3456/>
- Levisky, R. B. (2022). Atendimento presencial e a distância de casais e famílias. In R. Pennacchi & S. Thorstensen (Orgs.), *Psicanálise de casal e família: Uma introdução* (pp. 94-98). Blucher.
- Lorentzen, S., Fjeldstad, A., Ruud, T., Marble, A., Klungsøyr, O., Ulberg, R., & Høglend, P. A. (2015). The effectiveness of short- and long-term psychodynamic group psychotherapy on self-concept: Three years follow-up of a randomized clinical trial. *International Journal of Group Psychotherapy*, 65(3), 362–385. <https://doi.org/10.1521/ijgp.2015.65.3.362>
- Lorentzen, S., Strauss, B., & Altmann, U. (2018). Process-outcome relationships in short- and long-term psychodynamic group psychotherapy: Results from a randomized clinical trial. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 22(2), 93–107. <https://doi.org/10.1037/gdn0000084>
- Maia, M. V. C. M., & Pinheiro, N. N. B. (2011). Um psicanalista fazendo outra coisa: Reflexões sobre *setting* na psicanálise extramuros. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31, 656–667. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300016>

- Migliavacca, E. M. (2008). Breve reflexão sobre o *setting*. *Boletim de Psicologia*, 58(129), 219–226. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0006-59432008000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Moreira, R. M., & Rocha, K. B. (2019). O trabalho na gestão dos serviços substitutivos de saúde mental: Aproximações entre Saúde Coletiva, Saúde Mental e Psicanálise. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 29, e290216. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312019290216>
- Moretto, M. L. T. (2017). A presença do pensamento freudiano no campo da saúde. In D. Kupermann (Org.), *Por que Freud hoje?* (pp. 191-213). Zagodoni.
- Moretto, M. L. T. (2019). O que pode um analista no hospital? Artesã Editora.
- Pichon-Rivière, E. (2005). *O processo grupal* (7ª ed.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1983)
- Portal G1 (2024, 29 de maio). *Um mês de enchentes no RS: Veja cronologia do desastre que atingiu 471 cidades, matou mais de 170 pessoas e expulsou 600 mil de casa*. G1. <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghtml>
- Santeiro, T. V. & Ávila, L. A. (no prelo). Proposta de avaliação de processo grupal promotor de saúde. *Psicologia em estudo*.
- Santeiro, T. V., Ribeiro, G. F., Caetano, B. L., Carvalho, G. B., Coelho, G. O. A., Ribeiro-Leandro, R. C., Peralta, A. B. B. S., & Rocha, G. M. A. (2021). Processos de pesquisa e(m) grupos: Ser ou não ser operativo? In T. V. Santeiro, B. S. Fernandes, & W. S. Fernandes (Orgs.), *Clínica de grupos de inspiração psicanalítica: Teoria, prática e pesquisa* (pp. 547-564). Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://bit.ly/clingrupos>

- Schmidt, B., Palazzi, A., & Piccinini, C. A. (2020). Entrevistas online: Potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 8(4), 960–966. <https://doi.org/10.18554/refacs.v8i4.4877>
- Sola, P. P. B., Oliveira-Cardoso, É. A. de, Santos, J. H. C. dos, & Santos, M. A. dos. (2021). Psicologia em tempos de COVID-19: Experiência de grupo terapêutico on-line. *Revista da SPAGESP*, 22(2), 73–88. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-29702021000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Terra, G. S., Santeiro, T. V., & Couto, V. V. D. (2024). Experiências on-line de psicoterapeutas de orientação psicanalítica durante a pandemia. *Psicologia: Teoria e Prática*, 26(1). <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPCP15666.pt>
- Trabucco, L. (2021). Um pensamento em torno do *setting*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 55(2), 115–132. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2021000200009
- Turato, E. R. (2018). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas* (6. ed.). Vozes.
- Turato, E. R. (2018). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas* (6. ed.). Vozes.
- Wajda, Z., Kapinos-Gorczyca, A., Lizińczyk, S., Sitnik-Warchulska, K., & Izydorczyk, B. (2022). Online group psychodynamic psychotherapy-The effectiveness and role of attachment-The results of a short study. *Frontiers in Psychiatry*, 13, 798991. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2022.798991>

- Wallerstein, R. S. (2015). Psicanálise e psicoterapia de orientação analítica: Raízes históricas e situação atual. In C. L. Eizirik, R. W. Aguiar, S. S. Schestatsky (Eds.), *Psicoterapia de orientação analítica: Fundamentos teóricos e clínicos* (3ª ed., pp. 19-37). Artmed.
- Weinberg, H. (2016). “Impossible groups that flourish in leaking containers” – Challenging group analytic theory? *Group Analysis*, 49(4), 330–349. <https://doi.org/10.1177/0533316416667326>
- Weinberg, H. (2020a). Introduction to the online group therapy section. In H. Weinberg & A. Rolnick (Orgs.), *Theory and practice of online therapy: Internet-delivered interventions for individuals, groups, families, and organizations* (pp. 161-165). Routledge.
- Weinberg, H. (2020b). Online group psychotherapy: Challenges and possibilities during COVID-19—A practice review. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 24(3), 201-211. <http://dx.doi.org/10.1037/gdn0000140>
- Weinberg, H. (2020c). Online group therapy: in search of a new theory? In H. Weinberg & A. Rolnick (Orgs.), *Theory and practice of online therapy: Internet-delivered interventions for individuals, groups, families, and organizations* (pp. 174-187). Routledge.
- Weinberg, H. (2021). Obstacles, challenges, and benefits of online group psychotherapy. *American Journal of Psychotherapy*, 74, 83-88. <https://doi.org/10.1176/appi.psychotherapy.20200034>
- Weinberg, H. (2024). Online group psychotherapy training. In H. Weinberg; A. Rolnick; & A. Leighton (Eds.), *The virtual group therapy circle: Advances in online group theory and practice* (pp. 311-327). Routledge.
- Weinberg, H. (2025). Resistances to online group analysis – Is there anything new under the sun? *Group Analysis*, 58(1), 49–69. <https://doi.org/10.1177/05333164251315825>

Zimerman, D. E. (2010). *Fundamentos básicos das grupoterapias* (2ª ed.). Artmed.

Zimerman, D. E. (2014). *Fundamentos psicanalíticos: Teoria, técnica, clínica - uma abordagem didática*. Artmed.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIDIRIGIDA (ESTUDO 1)

- 1) Nome.
- 2) Idade.
- 3) Cidade onde reside e trabalha.
- 4) Gênero.
- 5) Instituição de formação do profissional (como psicólogo).
- 6) Ano de formação (quando se graduou).
- 7) Fez pós-graduação? Se sim, qual(is)?
- 8) Tempo de experiência clínica?
- 9) Para além da “clínica tradicional”, você tem atuado em quais campos?
- 10) Quais são os públicos que você tem atendido e quais as demandas observadas?
- 11) Como você compreende hoje o *setting* terapêutico?
- 12) Ao longo do tempo, suas compreensões de *setting* foram se modificando? De quais formas?
- 13) Atuar em diferentes campos foi um fator que influenciou (ou tem influenciado) na sua visão de *setting*? Se sim, de que forma?
- 14) Quais outros fatores ou atores contribuíram para essas concepções/modificações?
- 15) Quais são os cuidados que você toma no estabelecimento do *setting*?
- 16) Atuando em diferentes campos, quais são as diferenças observadas no modo de manejar o enquadre?
- 17) Durante o período pandêmico, houve uma transição para o uso dos recursos digitais? Se sim, como lidou com isso?
- 18) Ainda sobre recursos digitais, com o fim do período pandêmico, você os integrou às suas práticas – continua usando? Como?
- 19) Ao pensar sobre o enquadre, você se recorda de alguns desafios com os quais teve que lidar? Poderia contá-los e de que modo lidou com eles?
- 20) Considerando tratar-se de um tema sempre em voga, como vislumbra o futuro de seus(s) atendimentos e a relação com *setting*?
- 21) Pergunta final: Gostaria de acrescentar algo que não tenhamos conversado durante toda a entrevista?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**“Fale um pouco sobre você” (ESTUDO 2)**

1) Nome completo

2) Sexo

☐ Feminino

☐ Masculino

☐ Prefiro não dizer

3) Identidade de Gênero

☐ Cisgênero

☐ Transexual

☐ Não binária

☐ Prefiro não dizer

☐ outro:

4) Como você se define quanto a sua orientação sexual?

☐ Homossexual

☐ Heterossexual

☐ Bissexual

☐ Assexual

☐ Prefiro não dizer

☐ outro:

5) Como você se define quanto a sua expressão de gênero?

☐ Feminino

☐ Masculino

☐ Andrógina

☐ Prefiro não dizer

6) Você se considera:

☐ Branca

☐ Preta

☐ Parda

☐ Indígena

☐ Amarela de origem asiática

☐ Outro:

7) Idade (em anos, na data de hoje):

8) Município e Estado de sua residência (atual):

9) Município e Estado de origem:

10) Sobre a sua moradia:

- ☐ Moro sozinha(o)
- ☐ Moro com pai, mãe e irmão(s)
- ☐ Moro com pai
- ☐ Moro com mãe
- ☐ Moro com irmã(s)/irmão(s)
- ☐ Moro com avó(s)/avô(s)
- ☐ Moro com amiga(s)/amigo(s)
- ☐ outro:

11) Você possui filhos?

- ☐ Sim
- ☐ Não

12) Sobre renda familiar (somatória aproximada do conjunto de rendimentos de todos os membros de sua família):

- ☐ de 1 até 2 salários mínimos
- ☐ de 2 até 3 salários mínimos
- ☐ de 3 a 4 salários mínimos
- ☐ de 4 a 5 salários mínimos
- ☐ mais de 5 salários mínimos
- ☐ outro:

13) Você é estudante de dedicação exclusiva à vida universitária?

- ☐ Sim
- ☐ Não

14) Se você respondeu "não" na última questão, trabalha onde/que tipo de trabalho faz, e cumpre jornada diria de quantas horas?

15) Você está matriculada em qual curso?

- ☐ Permaneço no mesmo curso de quando participei do projeto
- ☐ Mudei de curso
- ☐ Graduei-me
- ☐ Não segui a vida universitária/tranquei a minha matrícula
- ☐ outro:

16) No caso de ter permanecido na vida universitária, está matriculada em qual instituição?

☐ Permaneço matriculada no curso da UFTM

☐ Continuei a minha formação na instituição (complementar a informação em "outros", abaixo);

☐ outro:

17) Há quanto tempo está na universidade?

18) Você ingressou a partir de ações afirmativas?

☐ Sim

☐ Não

19) Você tem espaço físico reservado, fones de ouvido e condições pessoais/subjetivas para resguardar sigilo quanto ao que acontecer no(s) encontro(s) grupal(is), tanto no que diga respeito a você, quanto no que diga respeito aos seus pares?

20) Fale sobre suas expectativas, considerando que retomaremos um trabalho em grupo: